



Dificuldades não impedem professores e alunos que se reinventam e abandonam as práticas pedagógicas tradicionais para dar continuidade às aulas

EDUCAÇÃO

Em tempos de pandemia professores precisam se adaptar às tecnologias educacionais

O número de infectados pela COVID-19 no Brasil não para de crescer e, sem uma previsão de retorno às salas de aula, educadores e alunos precisam se reinventar

CARINE FERRARI

Uma das principais estratégias para o combate do novo coronavírus (COVID-19) e para a diminuição dos índices de transmissão da doença é o distanciamento social. Pen-

sando nisso a Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) desde o dia 16 de março aderiu a quarentena, suspendendo as aulas presenciais e aderiu às aulas remotas. A mudança exigiu adaptação rápida por parte dos professores, que trabalhando

na segurança de suas casas, tiveram que se reinventar para que as aulas passassem a ser ministradas por meio das tecnologias digitais.

Fazendo parte do grupo de risco, a professora doutora do curso de história, Maria Augusta de Cas-

tilho, de 77 anos, relatou que no começo teve dificuldades para se adaptar ao uso desses mecanismos. "No início tive muita dificuldade para postar as atividades, embora tenha assistido mais de 13 vídeos da Instituição nos orientando sobre

os trabalhos remotos”, relata. A historiadora conta que teve ajuda dos familiares para o manuseio do notebook, de colegas professores que tinham mais experiência no uso das plataformas e muito apoio dos alunos. “Contei também com ajuda do Coordenador do Curso de História, professor Fábio dos Santos, que toda hora me orientava e respondia meus questionamentos na hora. Os alunos me ajudaram muito, pois foram eles que criavam, abriam e permitiam a entrada de todos nas salas virtuais”, explica a educadora.

Já a docente do curso de Educação Física, mestre Cláudia Diniz, de 38 anos, disse que não teve dificuldades em acessar as ferramentas de ensino, a dificuldade surgiu ao ter que buscar novas formas de ministrar as aulas. “No início me senti muito perdida tendo que procurar alternativas práticas, que não colocasse em risco a vida dos acadêmicos, no caso das aulas de Ginástica, por exemplo, o que deixou a experiência mais desafiadora”, relata e docente.

Além da experiência tecnológica, da adequação dos conteúdos ministrados, da nova dinâmica estabelecida com as turmas e da forma nada convencional do sistema de avaliação, os professores tiveram que se adequar à nova rotina em que se viram inseridos, o Home Office. Fisioterapeuta, professor e mestre, Jorge Aparecido Barros, de 57 anos, que ministra aulas nos cursos da área de saúde comenta que trabalhar de casa vem sendo uma atividade árdua. “Nós estamos trabalhando muito mais do que estaríamos se estivessemos em aulas presenciais e também sentimos falta do contato que estabelecíamos com os alunos”, declara o fisioterapeuta.



ROTINA

A professora Maria Augusta contou que sua rotina diária tem sido de muitas atividades e que na maioria das vezes não consegue separar o horário de trabalho do de descanso, já que sua residência virou a sua sala de aula. “O trabalho não acaba nunca. Entretanto, reservo o domingo para que eu possa fazer outras atividades relacionadas à minha vida pessoal”, conta a professora.

De acordo com a psicóloga Bruna Pantaleona, é importante que os docentes consigam fazer a separação do horário destinado ao trabalho com o horário de lazer, já que ele tem uma grande importância para a

saúde e bem estar de cada indivíduo, mas ressalta que não há uma regra da melhor forma de fazê-lo. “Cada pessoa deve encontrar um bom planejamento diário do seu horário a partir do referencial que já tinha antes e da experimentação nos cômodos da casa mesmo. Avaliar sempre as prioridades do dia facilita a visualização do que se deve fazer primeiro e qual o ambiente mais adequado para isso, por exemplo”, explica a psicóloga.

E, é assim que a professora doutora Dolores Ribeiro Coutinho, de 57 anos, integrante do programa de Pós-Graduação, Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local e

educadora do curso de Direito, vem lidando com a situação. “Professores e pesquisadores sempre trabalharam em casa e felizmente tenho um escritório que me permite estar em isolamento de ruídos e pessoas da casa. A diferença está no regime de “imersão” e as demandas que nos chegam quase o tempo todo. Mesmo assim, por volta da terceira semana, comecei a deixar o celular de lado, desligar computador e fui fazer outras coisas”, comenta a docente.

ANSIEDADE

Questionada sobre o que vem sentindo em relação ao novo cenário mundial, a docente comentou



**Família e colegas
de trabalho ajudam
na superação dos
obstáculos causados
pela tecnologia
e na adaptação
ao novo modelo**

que se sente um pouco ansiosa, mas que utiliza da criação de uma rotina para lidar com a sensação e mantém contato com alunos que também sentem o mesmo. "Tenho conversado, usando aplicativos, com alunos que estavam mais inquietos, eu também procurei tomar medidas para criar uma rotina menos desgastante e reinserir nela coisas prazerosas que posso fazer 'em casa'", explica Dolores. A educadora ainda comentou que acha que é completamente normal se sentir assim diante da pandemia e da quarentena. "Dias atrás ouvi a entrevista de um famoso filósofo que ao mencionar a ansiedade afirmou que não a vivenciar, neste momento, é que seria uma grave patologia", compartilha a docente.

De acordo com a psicóloga a ansiedade nada mais é do que um sentimento comum de alerta e preparação do corpo para algo novo. "É esperado que todos a sintam, o problema é quando ela está desregulada, quando sua intensidade e frequência aumentam e isso acaba trazendo prejuízos funcionais para a vida da pessoa", explica Bruna Pantalena que recomenda: "as pessoas precisam ter um acompanhamento psicológico neste período e, caso tenham o desejo de mais ação, precisam construir metas alcançáveis para este período. Não podemos nos desrespeitar e fazer mais atividades e trabalhos do que conseguimos, só por estarmos trabalhando home office", conclui a psicóloga.



EXPEDIENTE

Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XVIII - nº 02 – 25/05/2020 a 31/05/2020

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pe. Ricardo Carlos

Reitor: Pe. José Marinoni

Pró-reitoria de Graduação e Extensão: Dra. Rubia Renata Marques

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Dr. Cristiano Marcelo Espíndola

Pró-reitoria de Desenvolvimento: Me. Gillianno Jose Mazzetto de Castro

Pró-reitoria de Administração: Ir. Herivelton Breitenbach

Pró-reitoria de Pastoral: Pe. Idenilson Lemes da Conceição

Coordenadora do curso de Jornalismo: Inara Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Inara Silva DRT-MS 083

Repórter: Carine Ferrari.

Revisão, títulos e fios: Jacir Alfonso Zanatta

Marca Gráfica: Rodrigo dos Santos Machado (Acadêmico de Design/UCDB)

Projeto Gráfico e Diagramação: Maria Helena Benites

Tratamento das Imagens: Maria Helena Benites

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel:(067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.ucdb.br/jornalismoucdb

E-mail: ojornalismoucdb@gmail.com

Canal Youtube: Jornalismo UCDB